

# CONTRA A ACADEMIA

GRAÇA ARANHA

Para essa criação integral a Academia Brasileira é chamada. A fundação da Academia foi um equívoco e foi um erro. No sentido em que comumente se entende ser uma academia, é esta um corpo de homens ilustres nas ciências, nas letras e nas artes, consagrados pelo talento e trabalhos, sumidades espirituais de uma cultura coletiva. As academias são destinadas a zelar tradições e supõem um povo culto, de que são os expoentes.

Deante desse conceito, a Academia Brasileira foi um equívoco. Somos um povo inculto, sem tradições literárias ou artísticas, ou pelo menos de tradições mediocres, que seria melhor se se apagassem. O fato de haver raros escritores ou artistas de primeira ordem, não forma uma tradição. É ridículo supor que as tradições são criadas pelas academias. A tradição não é um artifício. Vem do inconsciente coletivo e se tem força para impôr-se no curso do tempo, viverá a despeito das academias. O equívoco permaneceu, porque geralmente se imagina que um país de Academias literárias alimenta-se de um vasto manancial de produção, que é preciso reger e disciplinar.

No Brasil não existe tal produção. *A Academia está no vácuo. Não tem função possível a exercer, segundo a tradição acadêmica. E se tem a função de regulamentar a inteligência e criar o academismo, ela é funesta. Foi o seu erro inicial.*

Para justificar-se a sua fundação, evocou-se a necessidade de defender o Passado "que ameaça ruína, diante do Futuro que não tem forma". *Como em toda a criação, no princípio era o terror... O passado é uma ficção. Nós o criamos, o interpretamos e o deformamos. Não tem realidade objetiva. A sua existência e a sua persistência são inteiramente subjetivas. Sob este ângulo relativo e realista o Passado não existe livremente. É uma sugestão do terror. Como função social é a soma de deuses, de monstros, de fetiches que se disfarçam em regras, métodos, gramáticas, para nos governar e nos limitar. O Passado é o pavor que perdura em cada um de nós. Se pudéssemos dominá-lo, vence-lo em nosso espírito, contempla-lo com alma de vencedor, situa-lo com justeza, saberíamos extrair das suas expressões o encanto e a lição. A nossa vida existe verdadeiramente no excedente da herança que recebemos. O que vivemos do passado não é nosso, não somos nós. A nossa vida começa exatamente no ponto em que se inicia a nossa libertação ou já no esforço que fazemos para nos libertar das nossas heranças espirituais. Só daí em diante começamos a viver a nossa personalidade. Aquele que não tem força para essa libertação para criar a sua vida e fazer dela uma força nova, esse na sua humilde submissão não é um homem vivo. É espectro do passado.*

A Academia será uma reunião de espectros? Nas paredes destas salas como no *tumulo das mumias*, a Tradição gravou para deleite dos espíritos, além da morte, o que em vida eles amaram e fizeram as suas delícias intelectuais, os versos, os distícos dos clássicos, as glosas dos arcades, as baladas românticas, as deformações do sentimentalismo, as rinhas gramaticais? Ou neste Brasil, que procuram converter em uma China literária para império de todas as velhices, a Academia será uma casta de imortais em um país de imemoriáveis?

Para que fomos criados, a que alta e vigorosa missão fomos chamados do nosso cháos intelectual? Para defender a Tradição. Tradição de que? De espírito nacional? Mas isto não é função de Academias. O espírito nacional defende-se por si mesmo ou morre. Tradição da nossa literatura? Ela felizmente é incerta, em infindável formação, e neste período alucinante de aspiração, o mal acadêmico poderá mata-la. A nossa missão é manter a ordem nos espíritos, nas artes, nas letras? Seria uma finalidade inútil, porque a ordem é da essência da vida. Não ha coexistência sem ordem. O que chamam desordem é uma abstração sem valor lógico. *No sentido absoluto, a ordem é o ritmo do universo, a sua fatalidade. É como a energia, a matéria, a inteligência. A liberdade, essa não é da essência das coisas. É uma relatividade humana, que forçamos a existir para a nossa ilusão criadora.*

O segundo erro da formação da Academia foi copiar a Academia Francesa. A imitação é uma prática brasileira. Em tudo renunciámos à energia de criar para fazermos comodamente a cópia que mal se ageita à nossa índole e ao nosso ambiente.

Copiando a Academia Francesa, fizemos logo ao nascer ato de submissão e passámos a ser reflexo da invenção estrangeira, em vez de sermos dinamo propulsor e original da cultura brasileira. Somos excessivamente quarenta imortais, consagração exagerada para tão pequena literatura. Justificou-se o quadro forjando-se impropriamente um "simile" com a adopção do metro, que também nos veio da França. Insistiu-se no vício da imitação, cuja unica vantagem foi tornar maior o quociente dos mortos e o divertimento das eleições mais repetido.

Pelo fato de sermos uma Academia, não significa devermos repetir o figurino francês. A Inglaterra não adotou o sistema métrico: fundou, afinal, uma Academia, mas fez obra propria e não cópia servil. A nossa Academia é brasileira. Por que brasileira? Para ser um instrumento energico da formação nacional, uma alavanca do espirito brasileiro. *A sua aparição foi um erro; mas, já que existe, que viva e se transforme. Ha uma vida espiritual intensa, que a Academia desconhece. Deixemos entrar aqui um sópro dessa vida para despertar-nos da sonolencia em que nos afundámos. O Brasil é movel. Todo o Universo move-se, transforma-se perpetuamente. O espirito do homem corre como a materia universal. "A energia é a vida unica, disse o místico. E' a eterna delicia". A energia brasileira apossa-se da terra e fecunda-a. Secam-se os vales de lagrimas da tristeza romantica e o otimismo alegre a ressurreição. Tudo vive espiritualmente. Só a Academia traz a face da morte.*

Ao iniciar-se a criação acadêmica, lamentou-se cautelosamente não ter a Academia força para instituir um estilo acadêmico, como toda a arte francesa convencional, acabado, perfeito. E' para esse estilo acadêmico que por uma fatalidade institucional caminhamos e o atingiríamos se uma rajada de espirito moderno não tivesse levantado contra ele todas as coisas desta terra informe, paradoxal, violenta, todas as forças ocultas do nosso cáos. São elas que não permitem a lingua estratificar-se e que nos afastam do falar português e dão a lingua guagem brasileira este maravilhoso encanto da aluvião, do esplendor solar, que a tornam a unica expressão verdadeiramente viva e feliz da nossa espiritualidade coletiva. Em vez de tendermos para a unidade literaria com Portugal, alarguemos a separação. Não é para perpetuar a vassalagem a Herculano, a Garrett e a Camilo, como foi proclamado no nascer a Academia, que nos reunimos.

Não somos a camara mortuaria de Portugal.

Já é demais este peso da tradição portuguesa, com que se procura atrofiar, esmagar a nossa literatura. E' tempo de sacudirmos todos os jugos e firmarmos definitivamente a nossa emancipação espiritual. A cópia servil dos motivos artisticos ou literarios europeus, exóticos, nos desnacionaliza. O aspecto das nossas cidades modernas está perturbado por uma arquitetura literaria, acadêmica; a musica busca inspiração nos temas estrangeiros, a pintura e a escultura são exercicios vãos e falsos, mesmo quando se aplicam ao ambiente e aos assuntos nacionais. *A literatura vagueia entre o peregrinismo academico e o regionalismo, falseando nesses extremos a sua força nativa e a sua aspiração universal.*

Se escaparmos da cópia européa, não devemos permanecer na incultura. Ser brasileiro não significa ser barbaro. Os escritores que no Brasil procuram dar de nossa vida a impressão de salvageria, de embrutecimento, de paralizaçao espiritual, são pedantes literarios. Tomaram atitude sarcastica com a presunção da superioridade intelectual, enquanto os verdadeiros primitivos são pobres de espirito, simples e bemaventurados.

## REALMENTE . . .

No vasto conjunto de caracteres, com os quais a marcha do tempo gravou a historia do globo em sua superficie, as montanhas são as letras masculinas desse imenso manuscrito; e cada sistema de montanhas constitue um capitulo. — *Elle de Beaumont.*

A balança, quando trabalha, não conhece ouro nem chumbo. — *P. Francés.*

O tempo é um charlatão que escamoteia o presente, fazendo brilhar o futuro. — *Fontenelle.*